

## Sobre o filme *Moonlight*

Vencedor do Oscar de Melhor Filme - 2017

Considerações sobre o filme em relação a:

- processo de alienação e separação
- as duas linhas do grafo do desejo
- sobre a função e a falta de um psicanalista

Luciane C. Stern

Algumas reflexões sobre o filme *Moonlight*: Sob a Luz do Luar, vencedor do Oscar, 2017. Este texto foi elaborado para apresentação no Núcleo de Pesquisa e Estudo Sobre a infância (Curumim), da Escola Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

Acompanhamos no filme o desenvolvimento de Chiron em seu percurso pela vida. O filme está dividido em três partes: Chiron menino, Chiron adolescente e Chiron na vida adulta.

Três questões se fizeram presentes em relação ao filme *Moonlight*: 1- sobre o processo de alienação e separação de Chiron. 2- sobre as duas linhas do grafo do desejo, a passagem do primeiro para o segundo andar. 3- sobre a função e a falta de um psicanalista.

Chiron alienado aos significantes do Outro, apelidado de Little, deixava para o outro um corpo que podia ser espancado, humilhado, escorraçado. Filho de uma mãe viciada em drogas, prostituída, que o negligenciava e de um pai ausente. Sem referências a um terceiro, Chiron deixava-se levar na posição de ser objeto dejetado do Outro. Sofre bullying dos colegas da escola e seus vínculos são deteriorados. Não conseguia fazer furo no Outro que funcionava de forma avassaladora no encontro com ele.



Sem hiância entre ele e a mãe, Chiron não questionava o que se esperava dele. No filme a mãe fala a Chiron – “Você é meu único e eu sou sua”. Em outra parte do filme, a mãe exige-lhe dinheiro para comprar drogas e Chiron, mesmo se opondo num primeiro momento, acaba por ceder e entrega o dinheiro que a mãe impôs. Há, ainda, um terceiro momento em que a mãe totalmente drogada lhe diz para dormir fora aquela noite, pois ela estava esperando uma pessoa, ao

que ele obedece sem pestanejar e sem perceber o delírio materno. Ao retornar pela manhã do dia seguinte, a mãe o repreende por ele ter passado a noite fora sem avisá-la. Sem enigma, Chiron não produz uma resposta de cunho fantasmático no qual possa sustentar seu desejo ao se alienar ao desejo do Outro.

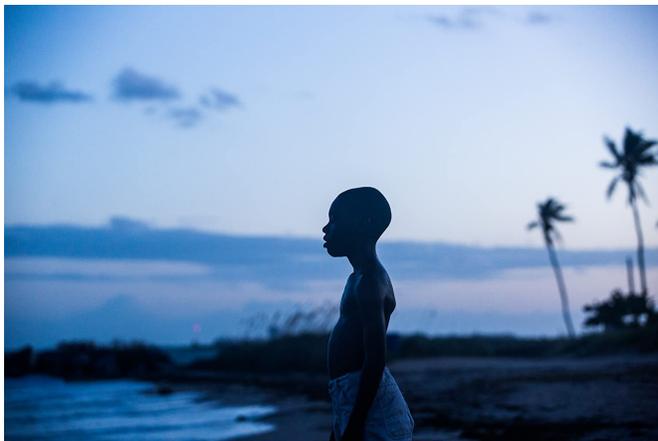
Juan, um traficante de drogas que se identifica com a vulnerabilidade do menino Chiron, lhe diz: “Chega um momento que você tem que decidir quem você será”. Sem uma identidade autêntica onde Chiron pudesse reconhecer-se, sem distância entre ele e o outro, Chiron se identifica aos

poucos elementos que fizeram uma representação em sua vida, como uma colagem. Torna-se um adulto, como Juan, um profissional das drogas, traficante, com todos os seus defeitos. Com o seu único amigo Kevin, por quem foi introduzido na vida sexual, mantém um apego exacerbado que faz com que esta seja a sua única experiência sexual e amorosa, não se deixando tocar por mais ninguém até receber, 10 anos depois, um telefonema por parte de Kevin e, assim, se reencontrarem.

Jacques-Alain Miller nos diz: “Interpretar a criança é extrair o sujeito”, extrair o sujeito dos significantes do Outro, desse Ideal de eu que passeia por fora dela, o que dá à criança condições de interrogar: o que o Outro deseja de mim? E a partir daí construir sua própria resposta fantasmática para lidar com o desencaixe inevitável entre o objeto que a criança encarna e o Outro, podendo agora a criança/sujeito sustentar o seu desejo.

Há um momento do filme em que Chiron, depois de sofrer abusos por parte dos colegas que o atormentavam e ordenavam que Kevin o agredisse, se revolta e joga uma cadeira em cima de um colega de turma, que era o chefe da gangue. Esse foi um momento catártico de Chiron ou foi um momento em que ele pode se apresentar e dizer a que veio? Um debate entre os colegas do Curumim se processou, sem que houvesse consenso. Em particular, não creio que houve a extração da posição de objeto que pudesse fazer mover o circuito pulsional e assim fazer aparecer o desejo a partir do vazio que ele circunscreve.

Faltou a *Chiron* um analista que ele pudesse usar como um instrumental de apreensão de si mesmo. Produzir, a partir deste encontro, uma hiância entre ele e o que se esperava dele. Um analista poderia incidir com um corte entre um significante elementar, insensato (*Little*) e o gozo amalgamado a ele, capturando o sujeito neste código e fazendo-o emergir. Um analista que pudesse acompanhá-lo de uma cena a outra. Da criança Chiron tomada no jogo do enunciado à criança Chiron do jogo da enunciação.



Enfim, um analista que pudesse extrair o sujeito, que fizesse um desencaixe, um intervalo entre o sujeito e os significantes do Outro, resgatando a função que tem o objeto de fazer furo no Outro. Assim, apareceria o sujeito dividido Chiron, o sujeito e seus objetos, o que introduziria o desejo no circuito da demanda, reconectando Chiron com sua dimensão de objeto de desejo antes encoberto.